

# Mario Faustino – Mensagem

Em marcha, heróico, alado pé de verso,  
busca-me o gral onde sangrei meus deuses:  
conta às suas relíquias, ontem de ouro,  
hoje de obscura cinza, pó de tempo,  
que ele os venera ainda, o jogral verde  
que outrora celebrou seus milagres fecundos.

Dize a eles que vinham  
tecer silentes minha eternidade  
que a lava antiga é pura cal agora  
e queima-lhes incenso, e rouba-me farrapos  
de seus mantos desertos de oferendas  
onde possa chorar meu disfarce ferido.

Dize a eles que tombam  
como chuvas de sêmen sobre campos de sal  
sem mancha, mas terríveis  
que desçam sobre a urna deste olvido  
e engendrem rosas rubras  
do estrume em que tornei seus dons de trigo e vinho.  
Segue, elegia, busca-me nos portos  
e nas praias de Antanho, e nas rochas de Algures  
os deuses que afoguei no mar absurdo  
de um casto sacrifício.

Apanha estas palavras do chão tímido  
onde as deixo cair, findo o dilúvio:  
forma delas um palco, um absoluto  
onde possa dançar de novo, nu  
contra o peso do mundo e a pureza dos anjos,  
até que a lucidez venha construir  
um templo justo, exato, onde cantemos.

**Mario Faustino, O homem e sua hora**